



DESORDENS DO USO DE ÁLCOOL ENTRE MULHERES ATENDIDAS NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE

Nathany Gabrielly Kikuta¹; Fernanda Laís Silva²; Janete Lane Amadei³

RESUMO: Estudo quantitativo, descritivo e transversal com objetivo de identificar desordens do uso de álcool entre as mulheres atendidas no Sistema Único de Saúde do município do Noroeste do Paraná. Serão incluídas mulheres maiores de 18 anos, e excluídas as que apresentarem dificuldade de compreensão das perguntas propostas ou que se recusarem a assinar o termo de consentimento livre e esclarecido. O instrumento de pesquisa a ser utilizado é composto em duas partes: 1. Dados sociodemográficos; 2. *The Alcohol Use Disorder Identification Test (AUDIT)*. Foram entrevistadas 73 mulheres atendidas em duas unidades básicas de saúde no período de pesquisa. Dentre as entrevistadas evidenciamos maioria com idade de 30 a 59 anos (67,12%), prevalecendo raça branca (71,26%), casadas (42,47%) com mais de 12 anos de estudo (46,58%), que mora com a família (84,93%), trabalham (58,90%) e não apresentando co-morbidades (69,86%). Os dados serão analisados através de programa estatístico a ser definido. Espera-se com este estudo evidenciar a presença de desordens no uso de álcool entre as mulheres, onde permitirá fundamentar uma linha de atenção a esta população, levando-as a uma melhor qualidade de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Abuso de Álcool; Alcoolismo; Saúde da Mulher; Serviços de Saúde da Mulher.

1 INTRODUÇÃO

O alcoolismo e suas consequências são as principais causas de ônus das doenças na América Latina, incluindo o Brasil sendo considerada um grave problema para a saúde pública, atingindo tanto os homens quanto as mulheres de todas as idades, classes sociais (KERR-CORREA et al., 2007).

Os prejuízos relacionados ao abuso de álcool situam-se entre as principais ameaças para a saúde da população. Até o momento, grande parte das pesquisas sobre o alcoolismo é desenvolvida na população geral e, só recentemente, existem estudos envolvendo apenas a mulher, como as publicações de Cunha et al. (2009), , Cunha e Mendes (2011).

Apesar de muitos serviços reconhecerem e considerarem as diferenças de gênero em usuários que buscam tratamento, as peculiaridades do sexo feminino ainda têm sido timidamente exploradas. (PILLON et al., 2014). Estudo realizado por Prado et. al (2012) mostrou que o uso de álcool entre as mulheres das grandes cidades paulistas apresentava prevalência de 60% do alcoolismo.

Mendes et al. (2011) referem que, desde 2006, o Ministério da Saúde pesquisa anualmente o consumo abusivo de álcool, definido com a ingestão de álcool de quatro doses ou mais para as mulheres e de cinco ou mais doses para os homens, isso em uma mesma ocasião. Segundo Cunha et al. (2009), nos Serviços Públicos de Saúde há insuficiência de recursos disponíveis para prevenção, tratamento e recuperação da mulher alcoolista e sua família, que também adocece. Pillon e colaboradores (2014) indicam que frente à escassez de estudo sobre o tema, os resultados obtidos fornecem subsídios para o desenvolvimento futuro de estratégias de prevenção e promoção de saúde em mulheres.

Este estudo tem como objetivo identificar desordens do uso de álcool entre mulheres atendidas no Sistema Único de Saúde na região do Noroeste do Paraná.

2 METODOLOGIA

Estudo transversal desenvolvido entre mulheres atendidas na atenção primária do Sistema Único de Saúde da região Noroeste do Paraná nos meses de julho e agosto de 2015. Foram entrevistadas mulheres maiores de 18 anos e excluídas as que apresentaram dificuldade de compreensão mínima das perguntas realizadas ou se recusar a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A pesquisa de campo foi realizada através da aplicação de instrumento de pesquisa estruturado em duas partes: 1. Dados sociodemográficos (idade, sexo, raça, tempo de estudo, residência, trabalho e doenças associadas); 2. *The Alcohol Use Disorder Identification Test (AUDIT)*. Os dados foram tabulados em planilhas do Programa Excel (Microsoft Office Excel® 2003) e analisados de forma descritiva evidenciando frequência numérica e distributiva.

¹ Acadêmica de Farmácia e Bolsista do Programa de Iniciação Científica do Centro Universitário de Maringá (UniCesumar) Maringá-Pr – nathany_gabrielly@hotmail.com

² Acadêmica de Farmácia co-colaboradora do Programa de Iniciação Científica do Centro Universitário de Maringá (Unicesumar) Maringá-Pr - fernandaa.xd@hotmail.com

³ Docente do curso de Farmácia do Programa de Iniciação Científica do Centro Universitário de Maringá (UniCesumar) Maringá-Pr – janete.amadei@unicesumar.edu.br



O projeto foi submetido para apreciação no Comitê de Ética em Pesquisa do UniCesumar (CEP CESUMAR) e aprovado através do parecer consubstanciado nº 1.113.680 emitido aos 11/06/2015.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistadas 73 mulheres atendidas em duas unidades básicas de saúde no período de pesquisa. Dentre as entrevistadas evidenciamos maioria com idade de 30 a 59 anos (67,12%) seguido de 18 a 29 (20,55%) e 60 anos ou mais (12,33%). A raça prevalente indicada foi a branca (71,26%) e outras – negra, nipônica, indígena (28,77%); casadas (42,47%) seguida de solteiras (24,66%) e outras 32,88%). Todas entrevistadas estudaram prevalecendo o tempo de mais de 12 anos de estudo (46,58%), seguido até 12 anos (31,51%) e menos de oito anos (20,55%).

Os hábitos sociais referidos foram que, a maioria reside com familiares (84,93%), ou sozinha (10,96%) ou com amigos (8,22%). A maioria tem vínculo empregatício (58,90%) não apresentando comorbidades (69,86%).

De acordo com Kerr-Correa et al. (2007), existem diferenças importantes no modo como homens e mulheres se relacionam com o uso da bebida alcoólica. As mulheres encontram neste consumo o apoio emocional para suas angústias e preocupações, já entre os homens, o uso parece ser relacionado aos momentos de lazer ou integração com amigos em bares.

Na sociedade atual, o uso do álcool possui conotação diferenciada de outras drogas, possuindo caráter lícito, de baixo custo e acesso fácil. Este contexto favorece a aceitação social, dificultando o seu enfrentamento. O uso é estimulado pelas indústrias de álcool, dificultando o seu entendimento como problema de saúde pública. Ocupa o primeiro lugar mundial em consumo em relação às substâncias psicoativas (OLIVEIRA & LUCHESI, 2007).

Segundo Wolle et al. (2011), o fato das mulheres estarem nos tempos de hoje trabalhando fora do lar e conseqüentemente frequentando bares ampliam as oportunidades para consumir bebidas alcoólicas.

Ao serem questionadas sobre os hábitos de bebida alcoólica (Tabela 1) no item “usa bebida alcoólica”, onde a maioria das entrevistadas (80,82%) respondeu de forma negativa. Outra questão abordada foi sobre os tipos de bebida que consumiam, onde a maioria (12,3%) citou a cerveja, 2,7% o conhaque, 1,4% a pinga, 2,7% o vinho, não indicando o uísque e 1,4% indicou todas as bebidas citadas. Quanto ao número de doses assinaladas pelas entrevistadas, 61,6% indicou que não bebe, 20,5% costumam ingerir de 1 a 2 doses, 9,6% de 3 a 4 doses, 1,4% de 5 a 6 doses, 2,7% de 7 a 9 doses, 1,4% 10 ou mais doses e 1,4% não responderam.

O consumo de álcool e/ou de outras drogas em mulheres tem sido crescente nas últimas décadas, constituindo um problema de saúde pública incapacitante (WHO, 2011).

Segundo Cunha et al. (2009), muitas mulheres começam a fazer o uso de álcool na adolescência com intenção de vivenciar situações prazerosas ou evitar o desprazer ou porque viveram experiências que traziam a marca da solidão, da dor, do sofrimento, da vergonha e da discriminação ou vivenciaram perdas, agravos físicos e psicológicos vindos do uso abusivo de álcool.

Tabela 1. Distribuição das respostas sobre hábitos de uso de bebida alcoólica de mulheres usuárias do Sistema Único de Saúde. Noroeste do Paraná, 2015.

Hábitos de uso de bebidas alcoólicas	Nunca		Número de vezes (n)								Não Respondeu		
			Por mês				Por semana						
	n	%	≤ 1	2 a 3	2 a 3	≥ 4	n	%	n	%	n	%	
Frequência que ingere bebidas com álcool	46	63,01	10	13,70	12	16,44	1	1,37	1	1,37	0	0	
Seis ou mais doses de uma vez	57	78,08	6	8,22	3	4,11	4	5,48	0	0	0	0	
Último ano, por causa de bebida	Não controlou a quantidade	64	87,67	2	2,74	1	1,37	2	2,74	1	1,37	2	2,74
	Perdeu compromisso	69	94,52	1	1,37	0	0	0	0	0	0	2	2,74
	Bebeu de manhã para curar a ressaca	35	47,95	1	1,37	0	0	0	0	0	0	36	49,32
	Teve culpa ou remorso	64	87,67	3	4,11	2	2,74	1	1,37	0	0	2	2,74
Não lembrou o que aconteceu na noite anterior	66	90,41	2	2,74	1	1,37	1	1,37	0	0	2	2,74	

* NR = não respondeu



Quando questionadas se “Você /outra pessoa se machucou/ se prejudicou por ter bebido” a maioria (91,78%) respondeu que não. Mas, três (4,11%) responderam que “sim, durante o último ano” e duas (2,74%) não responderam.

Outra questão apresentada era se “Parente, amigo, médico ou outro profissional da saúde já se preocupou com você por causa de bebida ou lhe disse para parar de beber” para a qual recebeu-se resposta negativa (93,15%) seguida de uma de cada (1,37%) para as propostas “sim, mas não no último ano” e sim, durante o último ano” e, duas (2,74%) não responderam.

O alcoolismo feminino possui caminhos próprios para seu desenvolvimento. É importante considerar a urgência do seu reconhecimento e formas diferenciadas de atenção à mulher, já que o preconceito social com a mesma ocorre de duas formas: ser mulher e ser alcoolista (CUNHA et al., 2009).

Entre as dificuldades encontradas para o tratamento está a falta de identificação destas mulheres por parte dos profissionais de saúde, pois muitas vezes as disfunções clínicas apresentadas por mulheres alcoólicas não são reconhecidas como sendo sintomas secundários ao abuso alcoólico. Não raro estas mulheres vão à procura dos serviços de saúde queixando-se de sintomas psíquicos ou físicos e omitem seus problemas com bebidas alcoólicas (NOBREGA E OLIVEIRA, 2005).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudos têm apontado índices preocupantes da prevalência do consumo alcoólico entre as mulheres. Observou-se, na população estudada que a maioria não faz uso regular de bebidas alcoólicas e que as mulheres mais jovens relatam maior uso em dias da semana ou em quantidades de doses.

Na sequência, será realizada a avaliação através dos escores do AUDIT para identificar o uso de risco, uso nocivo ou possível dependência e sua correlação com os dados sociais.

REFERÊNCIAS

CUNHA JRF, MENDES MC, NOGUEIRA AA. Gestação e consumo de bebidas alcoólicas. Rev. Eletrôn SBMFC. 2009. Disponível em: <http://www.rbmf.org.br/index.php/anaiscbmf/article/view/385>. Acesso aos 15/03/2015.

KERR-CORREA F, IGAMI TZ, HIROCE V, TUCCI AM. Patterns of alcohol use between genders: a cross-cultural evaluation. J Affect Disord. 102(13):265–75. 2007.

MENDES, Maria Célia; CUNHA, José Renato Ferreira; NOGUEIRA, Antônio Alberto. A mulher e o uso de álcool. 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbgo/v33n11/a01v33n11.pdf>. acesso aos 21/03/2015.

NOBREGA MPSS, OLIVEIRA EM. Mulheres usuárias de álcool: análise qualitativa. Ver. Saúde Pública. 2005;39(5):816-23.)

OLIVEIRA GF, LUCHESI LB. O discurso sobre álcool na Revista Brasileira de Enfermagem: 1932-2007. Rev. Latino-Am Enferm. 18(Spec):626-33. 2010.

PILLON, Sandra Cristina; SANTOS, Manoel Antônio; FLORIDO, Larissa Missano; CAFER, Juliana Regina; FERREIRA, Paulo Sérgio; SCHERER, Zeyne Alves Pires; MARCHINI, Gisela Pires de Oliveira. Consequências do uso de álcool em mulheres atendidas em um Centro de Atenção Psicossocial. Rev. Eletr. Enf. [Internet]. 2014 abr/jun;16(2):338-45. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fen/article/view/22712>. acesso aos 18/03/2015

PIO DPM, OLIVEIRA LGP, FERREIRA PS, et al. Audit Scores of nursing professionals... R. Enferm. Cent. O. Min. 2012 jan/abr; 2(1):93-98 96

PRADO JA, KERR-CORRÊA F, LIMA MCP, SILVA GGAS, SANTO JLF. Relations between depression, alcohol and gender in the metropolitan region of São Paulo, Brazil. Ciênc. Saúde coletiva. 2012;17(9):2425-34.

WHO - World Health Organization. Global status report on alcohol and health. WHO Genebra. 2011. Disponível em http://www.who.int/substance_abuse/publications/global_alcohol_report/en/

WOLLE CC, SANCHES M, ZILBERMAN ML, CAETANO R, ZALESKI M, LARANJEIRA RR, et al. Differences in drinking patterns between men and women in Brazil. Rev. Bras. Psiquiatr. (33):367-73.2011.